



FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV

Edição 5572

Um Jornal Necessário

 **Comentar** **Imprimir** **Enviar por E-mail**

.: Publicidades .:

Página Inicial**EDITORIAS**[Cidades](#)[Especiais](#)[Esportes](#)[Opinião](#)[Polícia](#)[Política](#)[Variedades](#)**COLUMNAS**[Área de Luta](#)[Avivamento](#)[Em Pauta](#)[Jessé Souza](#)[Minha Rua Fala](#)[Okιά](#)[Parabólica](#)[PodCast](#)[Shirley Rodrigues](#)**Opinião**

As agonias de um líder e a Venezuela pós-Hugo Chávez

Data: 11/03/2013

Fonte: a A A A**Elói Martins Senhoras ***

Na tarde do dia 05 de março de 2013, o vice-presidente Venezuelano, Nicolás Maduro, convocou o gabinete, a alta cúpula do governo e governadores aliados com o objetivo de declarar em cadeia nacional de rádio e televisão a deterioração do estado de saúde de Hugo Chávez e colocar toda a Venezuela em estado de vigília, findando demonstrar mostrar a coesão do país, mesmo sem líder.

Poucas horas depois do discurso, o militar que fora insurgente, se tornou presidente e assumiu o papel de líder do socialismo bolivariano na América Latina, aos 58 anos, após uma exaustiva luta contra o câncer, foi declarado morto em decorrência de um quadro clínico complexo nunca plenamente divulgado.

Em um contexto de alta fragilidade institucional e baixa transparência, o vice-presidente procurou construir um discurso de coesão, mesmo, diante dos jogos políticos existentes, o qual está alicerçado no nacionalismo e no chavismo, embora ambos, valorizando a liderança personalista do comandante da revolução socialista bolivariana, Hugo Chávez, justamente no momento da sua passagem da vida terrena.

Observa-se que os comunicados oficiais do governo aconteceram com a intenção de fortalecer a construção de uma imagem messiânica ao líder da revolução socialista bolivariana, findando mostrar a luta do “bem” contra o “mau” em uma clara guerra psicológica de polarização que busca dar impulso ao chavismo nas urnas, com a eventual morte de Hugo Chávez.

De um lado, surge o governo bolivariano, conclamando o povo para orar pelo seu líder nesta batalha de “amor e espiritualidade” contra a morte e o os ensejos, nacionais, de uma suposta direita venezuelana corrupta, e, internacionais, de um imperialismo capitalista.

De outro lado, surgiu a refutação a estes supostos atores anti-Chávez, tal como, o diplomata estadunidense expulso da Venezuela sob o argumento do imperialismo yankee de incitar planos para desestabilizar o governo neste momento entre a passagem de Hugo Chávez e a definição de novas eleições, após sua morte.

É neste contexto delicado que as dualidades voltaram a se expressar com maior clareza em uma Venezuela que foi se tornando polarizada ao longo dos quatro mandatos do presidente Hugo Chávez, haja vista que a atual busca pela unidade, disciplina e coesão por parte do governo se manifestou em discursos que procuram evitar cenários de violência e de potencial intervenção estrangeira.

Diante das incertezas antes e, principalmente, a partir do falecimento do presidente Hugo Chávez, a Venezuela passa por um contexto de clara indefinição que a conduz para a socio-construção de pelo menos três cenários no curto e no médio prazo, os quais refletem caminhos independentes de manifestação dos principais vetores de fragmentação político-social no país, segundo padrões de estabilidade ou instabilidade.

Em um primeiro plano, com a morte de Hugo Chávez, surge um potencial padrão de estabilidade, de um cenário de continuidade do chavismo no poder, por meio do normal funcionamento do instituto das eleições, uma vez que este cenário se mostra como o mais possível em função da atual organicidade do movimento chavista, oriunda de crescente institucionalidade e da convergência diante da rápida dramaticidade do estado de saúde de Hugo Chávez desde 2011.

Em um segundo plano, com a morte de Hugo Chávez, poderia surgir um potencial padrão de instabilidade, com baixa probabilidade de materialização, mas caso ocorra, oriunda de um cenário em que há possível vitória da direita nas eleições, ou, ainda, de outro cenário, ainda menos provável, mas, possível, de

surgimento de guerra civil, no caso da tomada unilateral do poder por uma das partes por via não democrática.

Em um contexto de polarizações e diferenças, a conjuntura de estabilidade democrática aparenta se estabelecer na Venezuela em função da figura de tendência moderada, Nicolás Maduro, o qual fora designado pelo presidente Hugo Chávez como vice-presidente e seu sucessor político, para neste momento de transição, tanto, controlar as Forças Armadas para garantia da soberania do país, quanto, convocar novas eleições em 30 dias.

Com base nestas discussões, conclui-se que após quatorze anos na presidência venezuelana, a sociedade se despede de Hugo Chávez, um dos presidentes mais polêmicos e atuantes, inaugurando, assim, um momento *suis generis*, com possíveis inflexões, porém, repleto de continuidades, com polarizações políticas e incertezas sobre o futuro do país e a própria força do chavismo sem seu líder inspirador.

*** Economista e cientista político. Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail para contato: eloisenhoras@gmail.com. Outros artigos o autor disponíveis em: <http://works.bepress.com/eloi>**

[Principal](#)[Assinatura](#)[Expediente](#)[Denúncias](#)[Classificados](#)[Fale Conosco](#)

Copyright © 2013 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados